

Dictames para a felicidade dos povos: as concepções médico-pedagógicas de Francisco de Mello Franco (1757-1822).

RICARDO CABRAL DE FREITAS*

A comunicação pretende fazer uma apresentação das propostas pedagógicas contidas nas obras médicas de Francisco de Mello Franco (1757-1822), publicadas no contexto das reformas ilustradas no Portugal do século XVIII, e estabelecer suas articulações com algumas correntes de pensamento médico que, na época, procuravam redefinir o escopo da atuação médica, tradicionalmente restrita aos domínios do corpo.

Mello Franco foi aluno egresso da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e participou ativamente das reformas ilustradas portuguesas ao publicar obras engajadas na transformação da realidade cultural lusitana por meio do conhecimento médico. Suas obras médicas não se limitam às referências filosóficas mais comuns da ilustração portuguesa, mostrando a aproximação do autor com debates médicos vitalistas, animistas e sensualistas.

Ao longo dos setecentos, em diversos contextos europeus, tais visões médico-filosóficas contribuíram para redefinir concepções tradicionais sobre o físico e o moral humanos e articulavam uma retórica voltada para uma intervenção efetiva sobre o modo de vida dos indivíduos e da coletividade, em consonância com as orientações mais gerais da ilustração. No ambiente português, seus adeptos estiveram entre os homens de ciência que formularam propostas educacionais alternativas à formação jesuítica tradicional, comprometidas com a formação de súditos aptos para servir aos imperativos utilitaristas da estrutura econômico-administrativa do Estado reformado.

Nascido em Paracatu, Minas Gerais, Mello Franco era filho do português João de Mello Franco, um comerciante que fez fortuna através da mineração e da criação de gado (NUNES, 2011: p.71). Foi mais um dos tantos jovens originários de famílias da elite mineira enviados à Europa para dar continuidade a seus estudos, matriculando-se no curso de medicina da Universidade de Coimbra (MORAIS, 1940; PEDROSA, 1959; BOSCHI, 1991). Desde o início de sua trajetória intelectual, aproximou-se de referenciais ilustrados, em muitos momentos mostrando-se crítico dos caminhos tomados pelas reformas durante o governo de D. Maria I. Ainda durante o curso universitário, foi acusado de herege, naturalista e dogmático pelo Santo Ofício em auto de fé de 1781 e condenado, após ser denunciado como

* Doutorando em História das Ciências e da Saúde (PPGCS/Fiocruz). Orientador: Flavio Edler. Agência financiadora: Fiocruz.

defensor de proposições heréticas e sediciosas (VILLALTA, 1999: p.343-344; NUNES, 2011: p.72).

Sua passagem precoce pelo cárcere inquisitorial contrasta com sua posterior consagração como funcionário público e homem de ciência. Anos mais tarde, ocuparia cargos de destaque na Academia de Ciências de Lisboa, chegando a exercer função de vice-secretário, receberia título de Comendador da Ordem de Cristo e de Medico da Câmara Real, dentre outras honorarias. Após estabelecer-se como médico de prestígio em Lisboa, retornou ao Brasil como médico da princesa Leopoldina, em 1817, onde residiria até seu falecimento em 1822 (NUNES, 2011).

Parte de seu prestígio viria de seu reconhecimento como autor de obras médico-pedagógicas que, em consonância com o caráter utilitário e pragmático das reformas (DIAS, 2005), preconizavam um modelo de atuação médica organizador da vida em sociedade, comprometido com o “cultivo” de cidadãos aptos a contribuir para a conservação e perpetuação do corpo social. Dentre elas, destaco: *Tratado da educação física dos meninos para uso da nação portuguesa* (1790) e *Elementos de Higiene ou dictames theoreticos, e practicos para conservar a saude e prolongar a vida* (1814).

No entanto, as nuances mais polêmicas de suas ideias circularam em forma de obras anônimas, boa parte delas objeto de debates acalorados em alguns círculos intelectuais e de grandes apreensões nos órgãos da censura régia (NUNES, 2011).

Dentre essas, podemos citar o poema satírico intitulado o *Reino da Estupidez*, que circulou em Coimbra em 1785, na qual debochava das contradições da ilustração portuguesa durante o reinado mariano e do conservadorismo na Universidade de Coimbra nessa época (VILLALTA, 1999: p.135). Mais tarde, na *Medicina Theologica ou súplica humilde feita a todos os senhores Confessores e Directores sobre o modo de proceder com os seus penitentes na emenda dos peccados, principalmente da lascívia, cólera e bebedice* (1794), apoiava-se nas mais recentes discussões médicas de seu tempo para denunciar a ineficácia dos remédios morais aplicados pelos teólogos no combate aos pecados, elegendo o campo somático como a principal causa das paixões, razão pela qual a salvação da alma passaria a depender da saúde do corpo (SILVA, 2008: p.336).

A maior parte de sua intervenção pública ocorreu em Lisboa e voltou-se para atividades médico-pedagógicas e higiênicas, num contexto de reordenação do campo intelectual lusitano. Nesse sentido, sua atuação tangencia aquela típica de vários outros membros da intelectualidade luso-brasileira que, aliados ao Estado, envolveram-se na criação de uma ampla rede de circulação de ideias e conhecimentos sobre o Império ultramarino português na segunda metade do século XVIII, com o objetivo de fornecer subsídios para a

implementação de práticas produtivas que pudessem incrementar sua atividade comercial (DIAS, 2005; KURY, 2004; MAXWELL, 2002).

Contudo, apesar de ser autor muito citado pela historiografia, por conta de sua passagem pelo tribunal inquisitorial e pela publicação de obras apócrifas polêmicas, sua atividade enquanto produtor de obras médicas ligadas ao ambiente intelectual das reformas ainda foi pouco estudada.

No que diz respeito ao campo médico, é fato conhecido da historiografia que ao longo dos setecentos, sobretudo na segunda metade do século, o campo cultural português foi marcado pela proliferação de ampla literatura médico-pedagógica, voltada para um público não treinado nos princípios da medicina acadêmica (ABREU, 2011; FURTADO, 2011). Em consonância com as orientações reformistas, essa literatura mostrava-se empenhada em ampliar o escopo da atuação médica, colocando-a na dianteira da formulação de um discurso higiênico e pedagógico que pudesse garantir a formação de cidadãos moral e fisicamente aptos para atuar segundo as necessidades do Estado reformado. Dentre as obras que bem traduzem esse estado de coisas podemos citar o *Verdadeiro método de estudar* (1746) de Luis Antonio Verney, *Tratado da conservação da saúde dos povos* (1756) de Antonio Ribeiro Sanches, *Compêndio dos segredos medicinais ou remédios curvianos que inventou e compôs o doutor João Curvo Semedo* (1783) de João Curvo Semedo. A própria publicação da *Farmacopéia Geral para o Reino e os domínios de Portugal* (1794) já significou um esforço régio para coibir práticas médicas que pudessem, aos olhos dos praticantes da medicina acadêmica, pôr em risco a vida dos vassallos e a saúde do corpo social (ABREU, 2011: p.122).

Ao publicar suas obras, Mello Franco procurou intervir de forma direta nesse contexto, mas as referências médicas que mobiliza não parecem figurar entre os demais ilustrados portugueses. Suas obras apontam um diálogo com correntes médicas que, em outros contextos ilustrados da época, reivindicavam uma revisão das concepções sobre a natureza humana originadas na literatura médico-filosófica que tornara possível o desenvolvimento e a larga difusão do olhar médico sobre o comportamento transgressor. Mais especificamente, pode-se dizer que esses estudos são marcados pela revisão da cisão corpo/alma, preconizada pela tradição cartesiana, em favor de uma perspectiva calcada na dualidade entre a matéria orgânica (matéria viva) e a matéria inorgânica (matéria inanimada), com a distinção fundamental de que a matéria viva seria dotada de *sensibilidade*, essa, entendida como a origem da condição física e moral dos indivíduos, uma vez que ela seria responsável tanto pelo movimento do corpo quanto pelas manifestações do ânimo (REY, 1993: p.120).

Com expressão maior entre os círculos médicos vitalistas, animistas e sensualistas, tais propostas fundamentaram diversos modelos de reforma social que extrapolavam os limites

jurisdicionais tradicionalmente impostos à medicina. Sobretudo na França e na Escócia da segunda metade do século XVIII, essas concepções levaram à formulação de uma terapêutica individualizada, contraposta aos postulados universalistas da iatromecânica, e encarnada na chamada *Science de l'Homme* ou *Medicina Antropológica*.² Elizabeth Williams mostra como o grupo dos *idéologues* franceses participaram dos debates revolucionários na década de 1790 na tentativa de redefinir o escopo jurisdicional da medicina na França pós-revolução a partir dessa perspectiva (WILLIAMS, 1994). Já no contexto de Edimburgo, Catherine Packham ocupa-se das diversas apropriações que esse vocabulário médico teve no campo da cultura, literatura e política escocesas. A autora mostra a disputa entre concepções de inspiração vitalista e mecanicista nos escritos de economia de personagens como David Hume e Adam Smith, entre outros (PACKHAM, 2012).

Até o momento, verificamos que, em meio à profusão de obras médicas que marcaram o campo médico ilustrado português na segunda metade do século XVIII, essas concepções também foram expressas, em maior ou menor grau, nas obras pedagógicas de dois personagens luso-brasileiros, Francisco de Mello Franco e Antônio Ribeiro Sanches (1699-1783). Esse último, em seu *Tratado da conservação da saúde dos Povos* (1756), obra cujo valor não passou despercebido aos olhos de Franco quando a aponta como livro “mui digno de ser lido, mas hoje raro; e ainda mais raro será haver quem se dê à sua lição” (MELLO FRANCO, 1814: p.11) se referia esse modelo de atuação médica como uma “medicina política”.³

Seguindo orientação similar, as reivindicações pedagógicas de Mello Franco, assim como a maior parte das obras publicadas pela intelectualidade ilustrada luso-brasileira do período, são motivadas pela inquietação do autor com relação ao estado de coisas no reino. Se, durante o período pombalino, os círculos ilustrados enxergaram a tutela inaciana do currículo escolar e das instituições de ensino em Portugal como uma das principais causas do “atrasamento” português, no fim do século a intelectualidade ainda procurava combater o que enxergava como reminiscência da pedagogia tradicional nos costumes da população.

Assim, no *Tratado da educação física dos meninos para uso da nação portuguesa* (1790), Mello Franco reivindica a necessidade de uma completa reorientação da educacional no reino. O autor enxerga como causas desse estado de coisas “o luxo, a indolência, liberdade,

² A retórica da *Science de l'Homme* insistia que a fisiologia - ou economia animal - e a análise das ideias e das faculdades morais eram ramificações deveriam ser uma mesma ciência. WILLIAMS, 1994.; PACKHAM, 2012.

³ As relações das concepções médicas de Antônio Ribeiro Sanches com os postulados animistas, vitalistas e sensuálistas foram analisadas na minha dissertação de mestrado, ver: FREITAS, 2012; Sobre as semelhanças argumentativas entre Sanches e Mello Franco no que diz respeito ao tratamento das paixões da alma e suas relações com o discurso teológico e jurídico do período, ver: EDLER; FREITAS, 2011.

ou perversidade de costumes, [a] moda abusiva de diferentes bebidas, falta de simplicidade nos comerres” (MELLO FRANCO, 1790: p.07). Segundo afirma, essas perversões estariam inscritas no próprio costume familiar lusitano, reivindicando a atenção governamental para a questão:

“Esta origem da depravação, e da degeneração da espécie humana merece toda a atenção do Ministerio; porque tem vassallos, e vassallos robustos, o Estado necessariamente virá a ficar como paralytico sem forças, sem energia, e tendendo cada dia para a sua inteira ruína. Sem gente robusta nem a agricultura, nem as artes, nem as sciencias poderão dar passo; e ella só pode se formar por meio da educação fysica dirigida pelos dictames da natureza.” (Ibid.: p.06)

Nessas passagens, há duas características fundamentais da pedagogia de Mello Franco. Em primeiro lugar, a correlação entre a condição física do indivíduo e sua condição moral, expressa na crítica aos costumes destemperados da população, o que também incluiria seus hábitos alimentares. Em segundo lugar, a boa condição física e moral é posta como condição fundamental para a manutenção saudável do corpo social. No contexto das reformas, esse acabaria sendo o ponto de encontro entre pensamento médico e interesses reformistas da Coroa.

A primazia do discurso médico na condução desse processo é afirmada a todo tempo. Ao enfatizar as faculdades sensíveis da fisiologia humana, Mello Franco se aproxima ao discurso da *Science de l’Homme* francesa e insiste num entendimento holístico da natureza humana, que recusa a subordinação do conhecimento médico aos domínios exclusivos do corpo:

“todos os corpos que tem acção sobre o homem, são capazes de modificar seu estado moral, por exemplo, o clima, segundo seu gráo de temperatura; os alimentos, e as bebidas (...) porque tudo isto muda as disposições, e hábitos dos nossos órgãos; e esta mudança vai influir no estado moral, da mesma sorte que dissemos, succedia, quando algum systema de órgãos era morbosamente atacado.” (Ibid.: p.314)

Nessa perspectiva, a saúde é entendida como resultado de um equilíbrio entre aspectos de sua constituição interna (sexo, idade, tipo temperamento, alimentação, conduta moral) e externa (clima, lugar onde nasceu, lugar onde vive), sem estabelecer limites claros entre um domínio e outro. Assim, ela é colocada como resultado de uma relação equilibrada entre as diversas variáveis que conformam a condição física e moral dos indivíduos. Desse modo, o

médico exerce seu papel de terapeuta como uma espécie de mediador entre as forças vitais e os elementos físicos envolventes (WILLIAMS, 1994).

Ecoando a *vix medicatrix naturae* dos gregos antigos, as correntes médicas vitalistas por exemplo, entendiam que as funções vitais do corpo humano eram regidas pela força vital, uma espécie de princípio derivado da matéria viva, como explica o próprio Mello Franco: “Esta força vital, quando certas causas, e circunstâncias a põe em acção, os faz nascer, e crescer até seu estado de perfeição; mas diminuindo depois progressivamente, chega a extinguir-se; e à sua extinção chamamos morte” (MELLO FRANCO, 1814: p.01).

Assim, a pedagogia proposta por Mello Franco busca estar de acordo com os preceitos da natureza. Para tanto, o médico deveria observar e, na medida do possível, manipular uma série de fatores que constituiriam o histórico médico de cada indivíduo, de modo a estabelecer o equilíbrio adequado e específico para cada um deles. A partir desse enquadramento, os temperamentos individuais são de suma importância. Identificá-los possibilitaria não apenas compreender as disposições físicas e morais particulares a cada indivíduo, mas também identificar as funções sociais que eles estariam, ou não, aptos a desempenhar. (MELLO FRANCO, 1814: p.24-32)

Por outro lado, vale dizer que essa determinação da natureza individual pelo temperamento também possuía certo grau de maleabilidade. Mello Franco coloca que por meio da educação física e moral, do clima, da alimentação e da idade seria possível amenizar ou acentuar as características “primitivas” de cada indivíduo. Dietas baseadas em carne, por exemplo, dariam origem a indivíduos mais “fortes”, “irritáveis” e “ferozes”; enquanto regiões baixas e alagadiças, com nevoeiros constantes gerariam indivíduos de comportamento fleumático, e assim por diante (Ibid.: p.19-21).

Mello Franco também atribui grande importância à hereditariedade:

“Todos terão tido muitas ocasiões de observar, que de hum pai cheio de enfermidades nunca nasceo hum filho robusto: outro tanto digo da mãe. He logo preciso que para huma criança ser vigorosa , seus pais também o sejaõ , condiçaõ essencialmente necessaria. Ora ninguém pode dar-se os parabéns de huma saude forte sem frugalidade , exercido , e regularidade no viver.” (MELLO FRANCO, 1790: p.2)

Segundo o autor, seria dever dos pais de filhos “compleição fraca” zelarem pela sua educação física, de modo a amenizar suas características indesejáveis. Uma “vida activa” e o “decurso da idade” seriam os meios mais eficazes de proceder com tais modificações, portanto, quanto mais cedo iniciada a intervenção, maiores seriam as chances de superação da

constituição prejudicial. (MELLO FRANCO, 1814: p.23). Por outro lado, a fraca compleição física também poderia ser adquirida e repassada aos descendentes. Habitantes das cidades, por exemplo, tenderiam a adquirir temperamento “fraco e nervoso” que, uma vez transmitidos contribuiriam para a “degeneração da espécie humana.” (Idem)

Como pudemos acompanhar, o modelo de intervenção pedagógica proposto por Mello Franco subentende o conhecimento médico como o mais apto a desvendar os meandros da natureza humana e produzir discurso legítimo sobre o comportamento dos indivíduos. Mais do que isso, ele é reivindicado como autoridade indispensável para garantir o “cultivo” de cidadãos adequados às necessidades do Estado português. Em desdobramentos mais extremos, tais propostas criaram tensões com a sermônística cristã e com os debates jurídicos sobre culpabilidade penal.⁴

O estudo das propostas de reforma do ambiente cultural luso formuladas por Mello Franco a partir dos diálogos estabelecidos com os círculos da *Science de l’homme* pode trazer à luz não apenas aspectos ainda pouco explorados de sua formação e pensamento, mas também servir como indicativo de que em Portugal, assim como em outros contextos ilustrados europeus, essas concepções médicas fundamentaram reivindicações por uma jurisdição médica renovada que, no lugar dos discursos tradicionais, propunha-se definidora dos padrões de conduta física e moral aceitáveis. Assim, uma investigação dos meios pelos quais Franco se apropriou desses referenciais e os articulou com questões que permeavam o ambiente intelectual luso-brasileiro da época, pode trazer novas perspectivas sobre como essa intelectualidade ilustrada tomava conhecimento de ideias e debates ocorridos fora de Portugal e, de forma crítica, os traduziam para sua realidade.

Referências bibliográficas:

- ABREU, Jean Luiz Neves. **Nos domínios do corpo: o saber medico luso-brasileiro no século XVIII**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011
- _____. A educação física e moral dos corpos: Francisco de Mello Franco e a medicina luso-brasileira em fins do século XVIII. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS. n. 2. p. 65-84, dez. 2006. v. 32.
- _____. As práticas científicas no contexto luso-brasileiro do século XVIII: trajetórias individuais e redes de sociabilidade na historiografia. In.: OLIVEIRA, Braga; et. al. (orgs.). **Cadernos de resumos & Anais do 5º Seminário Nacional de História da Historiografia: biografia & história intelectual**. Ouro Preto: EdUFOP, 2011

⁴ Na Medicina Teológica (1794), Mello Franco afirma que todo confessor deveria dominar princípios médicos para se tornar capaz de distinguir o pecado da patologia. A obra foi inicialmente aprovada pela Real Mesa Censória, mas, em seguida, gerou grandes apreensões nos poderes públicos, por conta de seu conteúdo, supostamente antirreligioso, e foi sumariamente suprimida. (EDLER; FREITAS, 2011; BRAGA, 1898; VILLALTA, 1999, p.154-157).

- ARAÚJO, Ana Cristina. O Filósofo Solitário e a esfera pública das Luzes. In.: **Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004.
- BOSCHI, Caio. A Universidade de Coimbra e a formação das elites mineiras coloniais. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.4, n.7, 1991, p.100-111.
- BRAGA, Teófilo. **Historia da Universidade de Coimbra**. 1898. v. 3.
- CARVALHO, Flávio Rey de. **Um iluminismo português? A reforma da universidade de Coimbra (1772)**. São Paulo: Annablume, 2008.
- CAVALCANTE, Berenice. Os 'letrados' da sociedade colonial; as academias e a cultura do iluminismo no final do século XVIII. **Acervo- Revista do Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro: Jan/dez., 1995, p.53-66.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.
- _____. **Origens culturais da Revolução Francesa**. São Paulo: Unesp. 2009.
- DARNTON, Robert. **El beso de Lamourette. Reflexiones sobre historia cultural**, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2010.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Aspectos da Ilustração no Brasil In: **A Interiorização da Metrópole e outros estudos**. São Paulo: Alameda, 2005.
- EDLER, Flavio Coelho; FREITAS, Ricardo Cabral de. Corpo e Alma: o discurso antropológico português na segunda metade do setecentos. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**, 2011, São Paulo.
- FIGUEIRÔA, Sílvia. A propósito dos estudos biográficos na história das ciências e das tecnologias. **Fênix-Revista de História e Estudos Culturais**, v.4, n.3, p.1-144, jul-set, 2007.
- FREITAS, Ricardo Cabral de. **O físico e o moral na Dissertação sobre as paixões da alma (1753) de Antonio Ribeiro Sanches (1699-1783)**. Dissertação de mestrado apresentada à Casa de Oswaldo Cruz na Fiocruz. Rio de Janeiro, 2012.
- FURTADO, Júnia Ferreira. A Medicina na época moderna. In.: STARLING, Heloisa Maria Murgel; GERMANO, Lígia Beatriz de Paula; MARQUES, Rita de Cássia (org). **Medicina: história em exame**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 21-82.
- HAZARD, Paul. **La crise de la conscience européenne (1680-1715)**. Paris : Fayard, 2009.
- KURY, Lorelai Brilhante. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). **Revista Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.11, p.109-129, 2004.
- _____; MUNTEAL FILHO, Oswaldo. Cultura científica e sociabilidade intelectual no Brasil setecentista: um estudo acerca da Sociedade Literária do Rio de Janeiro. **Arquivo Nacional Revista Acervo**, v.8, n.1/2, jan/dez. 1995, pp. 105-123.
- MARQUES, Vera Regina Beltrão. Escola de homens de ciências: a Academia Científica do Rio de Janeiro. **Educar**, Curitiba, n.25, p.39-57, 2005.
- MASSIMI, Marina. As idéias psicológicas de Francisco Mello Franco, médico e iluminista brasileiro. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v.7, n.1, pp. 83-90., 1991.
- MAXWELL, Kenneth. A geração de 1790 e a idéia do império luso-brasileiro. In: **Chocolate, piratas e outros malandros: Ensaio Tropicais**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- Medicina Theologica ou súplica humilde feita a todos os senhores Confessores e Directores sobre o modo de proceder com os seus penitentes na emenda dos peccados, principalmente da lascívia, cólera e bebedice**. Lisboa: Officina Antonio Galhardo, 1794.
- MELLO FRANCO, Francisco de. **Elementos de higiene ou Ditames teóricos e práticos para conservar a saúde e conservar a vida**. Lisboa: Academia Real de Ciências, 1814., p.11.
- _____. **Tratado de educação física dos meninos para uso da nação Portuguesa**. Lisboa: [s.n.], 1790. p.7

- MORAIS, Francisco. Estudantes brasileiros em Coimbra 1772-1872. **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, n. 62, 1940, p.174;
- MUNTEAL FILHO, Oswaldo. Todo um mundo a reformar: intelectuais, cultura ilustrada e estabelecimentos científicos em Portugal e no Brasil, 1779-1808. **Anais do Museu Histórico Nacional**, 29, pp.87-108.
- NUNES, Rossana. **Nas sombras da libertinagem: Francisco de Mello Franco (1757-1822) entre luzes e censura no mundo luso-brasileiro**. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.
- OUTRAM, Dorinda. **The Elightenment**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- PACKHAM, Catherine. **Eighteenth Century Vitalism: bodies, culture, politics**. London: Palgrave, 2012.
- PEDROSA, Manuel Xavier de Vasconcelos. Estudantes brasileiros na Faculdade de Medicina de Montpellier no fim do século XVIII. **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, n.253, abril-junho, 1959, PP-35-71;
- Reino da Estupidez**. Lisboa: Officina de A. Bobée, 1818.
- REY, Roseline. Hygiène et souci de soi dans la pensée médicale des Lumières. In.: **Communications**, n.56., p.25-39, 1993.
- ROUSSEAU, Georges. Para uma semiótica do nervo: a história social da linguagem em novo tom. In.: PORTER, Roy; BURKE, Peter (org). **Linguagem, indivíduo e sociedade**. São Paulo: Unesp, 1993. p. 287-364.
- SANCHES, Antonio Ribeiro. **Dissertação sobre as paixões da Alma**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003 [1753].
- SILVA, Ana Rosa Clolet da. **Inventando a Nação**. Intelectuais Ilustrados e Estadistas luso-brasileiros na crise do Antigo Regime Português: 1750-1822. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, 2000.,
- SILVA, Paulo José Carvalho da. A psicopatologia entre a alma e os nervos: a *Medicina Theologica (1784)* de Francisco de Melo Franco. **Filosofia e História da Biologia**, v.3, pp. 335-345, 2008., p.336.
- VILALTA, Luiz Carlos. **Reformismo ilustrado, censura e práticas de leitura: usos do livro na América Portuguesa**. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- WILLIAMS, Elizabeth A. **The physical and the moral: Anthropology, physiology, and philosophical medicine in France, 1750-1850**. Cambridge, Cambridge University Press, 1994.